

Ludibriando a Ditadura Militar: *Um Grito Parado no Ar* (1970).

Manoela Sara Chamarelli

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

A discussão arte/sociedade permeará a análise da peça teatral “Um Grito Parado no Ar”, encenada em 1973, do dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri. Diante disso, começarei fazendo uma breve análise do momento histórico, o período mais agressivo e violento da imposição pela Ditadura Militar, principalmente depois do estabelecimento do AI-5, momento em que a censura e a repressão se tornaram mais acirradas na conjuntura social brasileira.

Durante o período da ditadura militar, a sociedade brasileira, e aqui em específico os meios intelectuais e artísticos sofreram duramente o peso da repressão. Os artistas de teatro sofreram a violência física e verbal até dentro de seu próprio ambiente de trabalho, é o caso da atriz Tônia Carrero que na apresentação do espetáculo “*Navalha na carne*” em 1967 é considerada pelo general Juvêncio Façanha como “(...) ‘vagabunda’ e afirmando ainda: ‘A classe teatral só tem intelectualóides, pés sujos, desvairados e vagabundas que entendem de tudo, menos de teatro’(...)”¹.

Muitas pessoas ligadas à vida cultural brasileira foram perseguidas, presas, torturadas e até exiladas, quando não, por sua própria opção. É o caso por exemplo de Augusto Boal em 1971, no estado de “(...) São Paulo, enquanto sua peça ‘*O comportamento sexual do homem, da mulher e do etc.*’ é proibida, Augusto Boal é preso. No pau-de-arara, sob tortura, é acusado de afirmar que ‘*existe tortura no Brasil*’(...)”² depois de um tempo é liberto, mas ao perceber que está muito difícil trabalhar no Brasil, se exila, tendo a sociedade brasileira uma grande perda, pois, uma vez que Boal vai embora, o Teatro de Arena “pega sua certidão de óbito”.

Todas essas intolerâncias, abusos e prepotência por parte das autoridades, irão refletir diretamente na vida cultural brasileira, pois já como foi apresentado no fragmento acima, a sociedade em 1971 já havia perdido o Teatro de Arena e o mesmo irá acontecer,

agora em 1974, só que no Teatro Oficina, da mesma forma, perdendo um de seus nortes, José Celso Martinez Correa, quando em 1974 “(...) o *Teatro Oficina* é invadido e algumas pessoas ligadas ao grupo são detidas. Um pouco depois, chega a vez de José Celso ser preso. Solto depois de 20 dias, resolve meses mais tarde auto-exilar-se e parte para Portugal, logo seguido pelo que sobrou do grupo (...)”³.

Desse modo, podemos perceber que a censura passou a estar de sentinela sob a produção cultural, foi responsável pela interdição de inúmeras peças de teatro, filmes e composições musicais.

No entanto, mesmo com as constantes interdições, cortes de espetáculos (que em alguns casos se tornam impossíveis de serem apresentados, o caso em 1965 de “(...) *‘Liberdade, Liberdade’*, que na sua temporada em São Paulo sofre 25 cortes(...)”⁴), suspensões (Calabar em 1973 onde a imprensa ficou proibida até de citar seu nome), ameaças e atentados a teatros e elencos – como em 1968 “(...) o *Comando de Caça aos Comunistas invade em São Paulo o teatro onde está sendo apresentada ‘Roda-viva, de Chico Buarque, espanca e maltrata vários membros do elenco e destrói o cenário e o equipamento técnico (...)’*⁵ – o teatro persistiu enquanto resistência democrática. Podemos citar alguns deles: o Teatro São Pedro e o Ruth Escobar, em São Paulo e o Teatro Ipanema, no Rio de Janeiro. Surgiram também grupos profissionais independentes: O Pessoal do Vitor, em São Paulo, e o Asdrúbal Trouxe o Trombone, no Rio.

Em 1968 a censura se tornará mais acirrada, após a implantação do AI-5, pois teve o estabelecimento da Censura aos meios de comunicação. Ela passa a proibir qualquer “*texto dramático de caráter contestador, a não ser que assuma no palco contornos tão nebulosos que não corra o perigo de ser facilmente compreendido pelo público*”⁶. É o caso de ‘Botequim’ em 1973 de Gianfrancesco Guarnieri que utiliza-se de uma “*linguagem tão metafórica e cifrada*” que o público “*não consegue decifrar as suas reais intenções*” como coloca Yan Michalski.

Observamos desse modo, que os artistas buscaram das mais diversas formas, meios para burlarem as proibições, restando para os escritores de fundo político, o silêncio, ou o

emprego da metáfora. Subterfúgio que se faz muito presente no enredo da peça *Um Grito Parado no Ar*⁷ de Gianfrancesco Guarnieri. Desembocando na fase que o próprio dramaturgo caracterizou como “Teatro de Ocasão”.

Guarnieri é uma das figuras imprescindíveis à vida cultural brasileira, pois está intimamente ligado à História do Teatro Nacional. Desde cedo se interessou pelo movimento estudantil, por problemas políticos e sociais da sociedade brasileira, daí seu amplo contato com trabalhadores e operários, os quais estão presentes em seu trabalho. Escreve sobre problemas políticos e sociais, que interessam à comunidade e determinam uma época.

Um Grito Parado no Ar representa na obra de Guarnieri o momento em que a fala já não pode mais dar conta do real, então é neste momento que ele silencia. Ele não discute, como nas obras anteriores, o operariado ou o estudante, mas o intelectual que se volta para sua própria classe. Seu espaço representado dá-se no palco. A discussão será entorno exatamente do que não se tem naquele momento: a Liberdade.

Perceberemos que vários aspectos ligados ao teatro, através da utilização do jogo de significação, são discutidos na peça como: o baixo salário dos atores e a hierarquização das tarefas do grupo.

O enredo da peça está ligado ao teatro de resistência e reflete o momento difícil em que a dramaturgia brasileira atravessava, mostra as dificuldades que o elenco está enfrentando para conseguir chegar até o dia da estréia do espetáculo, tentando discutir problemas sociais presentes no momento, utilizando-se das brechas conquistadas, por meio do jogo de significação entre o real e a representação. Mas, evita referências muito explícitas que pudessem levar à proibição da peça. Uma vez que foi um dos primeiros espetáculos que consegue driblar o cerco da censura em plena Ditadura Militar por meio da utilização de uma linguagem metafórica.

O crítico Yan Michalski declara a respeito da peça que foi

“(...) o principal acontecimento do ano em São Paulo, no sentido de constituir um primeiro, embora ainda vago, sinal de que algo está querendo começar a mudar, é a montagem do belo texto de Guarnieri, ‘Um grito

parado no ar'. 'Botequim' havia esbarrado em São Paulo no mesmo problema de incomunicabilidade que marcaria a seguir a sua carreira carioca. Mas 'Um grito parado no ar', embora seja também uma peça até certo ponto metafórica, transmite, já a partir do título, uma manifestação de inconformismo e rebeldia tão contundente que a sua liberação pela censura, no contexto de 1973, aparece como uma inexplicável surpresa. Usando a imagem de um jovem grupo de teatro que, embora enfraquecido pelas encucações individuais dos seus integrantes e por pressões econômicas que parecem inviabilizar passo por passo o seu trabalho, obstina-se em não desistir de estrear, a qualquer preço, 'mesmo que seja na marra', Guarnieri lança um comovente grito de coragem e resistência, facilmente captado e recebido com entusiasmo pelo público, graças, também, à eficiente direção de Fernando Peixoto e à emocionada participação de um ótimo elenco encabeçado por Othon Bastos.”⁸

Nela discuti-se o processo de trabalho, como em um laboratório, de um grupo de teatro. Tratando as dificuldades que estão enfrentando dentro e fora do palco, apenas há dez dias para a estréia do espetáculo. A todo momento o ensaio é interrompido por credores. Por não terem dinheiro para pagar os aluguéis, partes importantes do cenário vão sendo retirados, como: o gravador, o tapete, os refletores e, ainda, sem propaganda, por não terem dinheiro.

Nesse sentido, a ação de *Um Grito Parado no Ar* atua, simultaneamente, um efeito alegórico com a intenção de atingir um fim realista, apresentando o teatro como um local onde se trabalha e se fabrica uma aparência da realidade, quando tenta passar a agressividade das pessoas, a crueldade da civilização moderna, e a tensão dos grandes aglomerados. Por outro lado, há a criação artística, com toda franqueza, camaradagem, bebida e o cafezinho compartilhados no bar da esquina.

Portanto, quando os artistas são privados de todo cenário, resta ao grupo apenas um grito final no escuro, o qual está representando a sobrevivência frente à opressão reinante. Assim como o próprio Guarnieri coloca *Um grito parado no ar* “é um texto que se propõe a transmitir a inquietação, as aspirações, às dificuldades, a angústia, o descaminho e a

procura de um grupo de artistas de teatro, diante de seu mundo, da própria profissão e do mundo todo”.⁹

¹ ANOS 70. Rio de Janeiro, Europa Emp. Graf. E Edit. Ltda., 1979-1980. p.81.

² Ibid., p.94.

³ Michalski, Yan. O Teatro sob pressão: uma frente de resistência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p.63

⁴ Ibid., p.24

⁵ Ibid., p.34

⁶ Prado, D. de Almeida. O melhor teatro Gianfrancesco Guarnieri. Global editora. São Paulo, 1986. p.10

⁷ A peça *Um Grito Parado no Ar* foi encenada em 1973, no Teatro Aliança Francesa em São Paulo, produzida pela Cia. Martha Overbeck e Othon Bastos sob direção de Fernando Peixoto.

⁸ Michalski, Yan. Op. cit. p.58.

⁹ Peixoto, Fernando. Teatro em pedaços. Editora Hucitec, São Paulo, 1989.